

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Pablo Marçal: como avacalhar a democracia e ganhar dinheiro

Pronto, Pablo Marçal chegou ao noticiário da campanha eleitoral. Candidato a prefeito de São Paulo em 2024, tornou-se inelegível até 2032 por oferecer prêmios em dinheiro e brindes a quem fizesse o recorte de seus conteúdos e conseguisse o maior alcance nas redes sociais.

Mas a inelegibilidade não o impediu de se inscrever como candidato a presidente da República e, no sábado, 15, obter uma medida liminar favorável à sua candidatura na Justiça Eleitoral de Santana do Parnaíba (SP). Qualquer pessoa com filiação partidária pode pedir o registro, mesmo que não cumpra todos os requisitos. A impugnação só ocorre quando o tribunal eleitoral decidir se aceita ou não a candidatura, o que só deve ocorrer em setembro.

Até lá, Marçal já se prepara para avacalhar a campanha, especialmente nos debates eleitorais da TV, como fez em 2024, quando conseguiu tirar do sério um dos seus adversários na disputa pela Prefeitura de São Paulo. O apresentador José Luiz Datena resolveu atacá-lo com uma cadeirada e se queimou junto ao eleitorado. Datena acabou desistindo de concorrer.

Nesta quarta-feira, 19, Marçal encaminhou à TV Bandeirantes um ofício cobrando participação do debate dos presidenciaíveis do próximo domingo. No documento, em tom ameaçador, ele cobra que, “se mantida

a exclusão”, de sua participação, lhe sejam enviados “por escrito os critérios objetivos adotados para a seleção dos participantes e a demonstração de sua aplicação uniforme a todos os candidatos registrados”.

Em outras palavras, ele quer saber por que estará fora, se outros nomes igualmente sem representação suficiente no Congresso, como Renan Santos, do partido Missão, foram convidados. A Lei das Eleições garante a participação nos debates dos candidatos filiados a partidos com representação mínima de cinco parlamentares no Congresso Nacional. Para candidatos de legendas que não atingem esse número, a presença fica a critério da organização de cada evento.

As TVs sabem que a presença de Marçal serve para avacalhar os debates. Mas o problema é que os dois principais candidatos em 2026 ameaçam não aparecer. Luiz Inácio Lula da Silva (PT), como líder e esquerdista, porque seria o principal alvo de todos os outros. Flávio Bolsonaro (PL) já afirmou que só pretende aparecer nos debates em que Lula for. Portanto, sem os dois primeiros colocados, os debates tendem a se tornar maçantes e sem audiência.

O dilema das TVs será manter a seriedade do debates ou abrir para Marçal em busca da audiência perdida que cadeiradas e coisas assim podem trazer de volta.

E Marçal, o que ganha com isso? Ganha vitrine, o que é essencial para influenciadores digitais que fazem dinheiro com propaganda. Isso ele sabe fazer muito bem. Segundo a última declaração que apresentou à Justiça Eleitoral neste mês de agosto, Marçal informou um patrimônio de R\$ 149,9 milhões.

O problema é que, em 2024, ele havia declarado R\$ 169 milhões de patrimônio. Será que está precisando repor o caixa?

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

O brigadeiro e as nuvens golpistas

A julgar por diversas reportagens, o livro do tenente-brigadeiro Carlos Baptista Junior, ex-comandante da Aeronáutica, encerra de vez qualquer dúvida ou discussão sobre a tentativa golpista liderada por Jair Bolsonaro.

O livro “Eu disse não: uma trincheira antigolpista” (Autêntica Editora) deveria calar ou, no mínimo, constranger os que ainda insistem em negar o óbvio, que questionam a condenação do ex-presidente, que classificam de “política” sua prisão, que defendem anistia para ele e outros criminosos. Os que agem assim reiteram seu desprezo à democracia e demonstram estarem dispostos a uma futura virada de mesa institucional.

O autor não pode ser chamado de simpatizante da esquerda, não nega que votou duas vezes em Bolsonaro para o Planalto; em entrevistas, deixa evidente sua oposição ao presidente Lula (PT). No comando da FAB, assinou notas dúbias sobre a preservação da democracia e ainda curtiu posts que pregavam uma intervenção militar.

Mas, diferentemente do ex-capitão e de seus cúmplices Baptista Junior não confundiu ideologia com desrespeito à Constituição, à democracia e a liberdade. Ao lado do então comandante do Exército, general Freire Gomes, fez o que deveria fazer.

Em um país tão acostumado a golpes militares, cumprir o dever passa a ser visto como excepcionalidade: “Ninguém deveria ser herói por cumprir a lei ao não apoiar o golpe”, disse o brigadeiro ao jornal O Globo.

As reportagens sobre o livro explicitam as reiteradas iniciativas golpistas de Bolsonaro, um político que, durante toda sua carreira, demonstrou desprezo às liberdades e admiração a ditadores e torturadores. Seu modelo de militar nunca foram oficiais dignos, comprometidos com a farda e com a Constituição — adorava o desprezível e covarde Brilhante Ustra.

Em um trecho do livro, Baptista Junior revela detalhes do dia em que o então presidente ameaçou cancelar a eleição em que fora derrotado e intervir na Justiça: acabou ameaçado de prisão pelo comandante do Exército.

As tais quatro linhas da Constituição que Bolsonaro dizia defender eram tortas e flexíveis, poderiam, no seu entender, ser levadas para lá e para cá com o objetivo de acomodarem seus interesses pessoais.

A tentativa de ruptura do regime democrático, detalhada por Baptista Junior, não se confunde com visão política, com diferentes opções ideológicas. Bolsonaro não pode ser visto como contraponto à esquerda, isso representaria uma ofensa aos liberais, aos que se colocam à direita do espectro político, que condenam o estatismo. O ex-presidente representa oposição à democracia, à liberdade, à vida, ao direito de cada um de nós.

EDITORIAL

Esvaziamento dos debetes prejudica o eleitor

Em uma eleição, o debate entre candidatos não é mero espetáculo de campanha. É um dos instrumentos mais importantes para que o eleitor conheça propostas, compare visões de mundo e avalie a capacidade daqueles que pretendem governar. Por isso, quando um candidato decide não participar de um debate eleitoral, não está apenas escolhendo não subir a um palco: está contribuindo para o esvaziamento de um espaço essencial ao confronto democrático de ideias.

O debate permite que promessas sejam confrontadas, contradições sejam expostas e respostas sejam cobradas. Mais do que discursos preparados para propagandas e redes sociais, o eleitor tem a oportunidade de observar como cada candidato reage a perguntas difíceis, críticas e posições divergentes. É justamente nesse confronto que diferenças muitas vezes pouco perceptíveis na publicidade eleitoral se tornam claras.

A ausência, naturalmente, pode ter justificativas legítimas. Há situações em que questões de agenda, saúde ou regras do próprio evento podem impedir a participação. Mas, quando o não comparecimento se transforma em estratégia política para evitar perguntas, críticas ou o enfrentamento de adversários, o prejuízo ultrapassa a campanha individual. Perde a democracia.

O eleitor merece ouvir os candidatos e, sobretudo, vê-los debatendo entre si. Não basta conhecer slogans, vídeos cuidadosamente editados ou declarações feitas em ambientes controlados. Quem pretende ocupar um cargo público precisa estar disposto a prestar contas, defender suas ideias e responder aos questionamentos que fazem parte da vida pública.

Também cabe aos organizadores dos debates estabelecer regras equilibradas, garantir espaço para propostas e evitar que esses encontros se transformem em simples troca de acusações. Ao eleitor, por sua vez, cabe acompanhar, questionar e não aceitar como suficiente a ausência daqueles que pedem seu voto.

Em uma democracia madura, fugir do debate não deveria ser uma vantagem eleitoral. O silêncio pode ser uma escolha de campanha, mas não pode ser tratado como substituto do diálogo. Quanto maior a disposição dos candidatos para o confronto respeitoso de ideias, maior a qualidade da escolha do eleitor. E quanto mais vazio fica o debate, mais pobre se torna a própria democracia.

OPINIÃO DO LEITOR

Luto na dramaturgia

Morreu Glória Menezes, estrela de novelas e do cinema brasileiro.

Deixa um legado de versatilidade e uma trajetória fundamental para a história da televisão brasileira.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal